



Bolsas	Pontuação B3	Dólar	Salário mínimo	Euro	CDI	CDB	Inflação
Na terça-feira	IBovespa nos últimos dias	Na terça-feira	Últimos	Comercial, venda na terça-feira	Ao ano	Prefixado 30 dias (ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
0,03% São Paulo	173.325	15/julho 5,078 16/julho 5,099 17/julho 5,111 20/ julho 5,089	R\$ 1.621	R\$ 5,785	14,15%	14,05%	Fevereiro/2026 0,70 Março/2026 0,88 Abril/2026 0,67 Maio/2026 0,58 junho/2026 0,16
0,74% Nova York	16/7 17/7 20/7 21/7	(- 0,31%)					

TARIFAÇO

Brasil opta pela busca de novos parceiros

Com a entrada em vigor da sobretaxa de 25% sobre produtos brasileiros vendidos para os EUA, governo e empresários descartam a reciprocidade e buscam novos mercados para setores atingidos, além de medidas emergenciais

» RAPHAEL PATI
» FERNANDA STRICKLAND

O governo afastou, ontem, a possibilidade de aplicar a Lei de Reciprocidade Econômica, aprovada em 2025 no Congresso Nacional, como resposta ao tarifaço do presidente norte-americano Donald Trump, que passa a vigorar a partir de hoje. Em entrevista coletiva após reuniões com cinco associações de setores afetados pela tarifa de 25% sobre produtos brasileiros, autoridades afirmaram que a resposta será por meio da negociação. O vice-presidente Geraldo Alckmin fez uma alusão à Lei de Talião para afirmar que, se depender do governo brasileiro, as negociações devem continuar por vias diplomáticas. “Com o ‘olho por olho’, o que pode acontecer é os dois ficarem cegos”, comparou. Alckmin frisou que o Brasil deve manter a defesa do multilateralismo e do respeito às regras da Organização Mundial do Comércio (OMC) e destacou os acordos de livre-comércio com a União Europeia (UE), com o EFTA e com Cingapura. Também descartou a possibilidade, por ora, de o Brasil aplicar a reciprocidade contra os EUA.

O objetivo central, de acordo com o ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic), Márcio Elias Rosa, é sair em busca de novos mercados para as empresas atingidas diretamente pelo tarifaço. “Quando você fala numa tarifa de mais 20%, 25%, você acaba reduzindo a competitividade da indústria nacional, acaba perdendo o mercado norte-americano e é substituído por outros. Por isso é que nós temos que correr. O presidente Lula nos orienta a buscar a interlocução com os setores”, disse.

Trabalho forçado

O ministro reforçou que a busca de novos parceiros para os setores atingidos é a prioridade, neste momento. Rosa também lembrou que o governo aguarda a definição sobre a tarifa de 12,5% sobre países que seriam coniventes com trabalho forçado — segundo os EUA — o que pode impactar diretamente o Brasil. A expectativa é que a decisão seja proferida no próximo dia

Júlio César Silva/Mdic



As conversas com empresários são conduzidas pelo vice-presidente Alckmin e pelo ministro Márcio Rosa

Agenda de conversas

Veja quais foram e serão os setores ouvidos pelo Mdic nas reuniões que ocorrem ontem e hoje

ONTEM:
Elétrica e Eletrônicos – Humberto Barbatto Neto, representante da Abinee, e Neuri Luiz Mantovani, gerente de Relações Governamentais da Abinee;
Máquinas e Equipamentos – José Velloso Dias Cardoso, presidente executivo da Abimaq;
Pneumáticos – Rodrigo Martins Navarro de Andrade, presidente executivo da Anip;
Calçados – Haroldo Ferreira, presidente executivo da Abicalçados;
Plástico – José Ricardo Roriz Coelho, presidente do Conselho da Abiplast.

HOJE:
Madeira Processada – Paulo Roberto Pupo, presidente da Abimci;
Rochas Ornamentais – Reinaldo Dantas Sampaio, diretor-presidente da Abirochas;
Rochas Naturais – Tales Pena Machado, presidente da Centrorochas;
Árvores – Paulo Hartung, presidente-executivo da Ibá;
Papel e Celulose – João Alberto Fernandez de Abreu, CEO da Suzano S.A.;
Mobiliário – Irineu Munhoz, presidente da Abimóvel;
Químicos – André Passos Cordeiro, presidente-executivo da Abiquim;
Fumo e cigarro – Edmilson Alves, diretor-executivo da Abifumo, Suelma Rosa dos Santos, vice-presidente de Assuntos Corporativos da Souza Cruz Ltda, e Guatimozin Santos, diretor de Relações Governamentais da Philip Morris Brasil Indústria e Comércio Ltda.;
Dispositivos Médicos – Jamir Dagir Júnior, presidente da Abimo.

Fonte: e-Agendas, Controladoria-Geral da União (CGU)

24. “Nós estamos na expectativa de saber se eles serão cumulativos com os 25%, ou não”, frisou o chefe do Mdic. O vice-presidente Alckmin

lembrou a importância do mercado norte-americano para o Brasil, sobretudo para uma boa parte das empresas afetadas pelas tarifas, mas reconheceu que é necessário

buscar novas alternativas. Segundo ele, a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimento (ApexBrasil) terá um papel relevante na tentativa de

sair em busca de mercados diferentes. “Esse é um dos grandes desafios que precisam ser seguidos e nós precisamos ter uma política, juntos com a Apex, de buscar o outros mercados para os setores atingidos”, disse Alckmin.

Outra via de ajuda às empresas é a concessão de crédito diferenciado a juros menores para as afetadas pelo tarifaço. Embora essa seja uma pauta em discussão pelo governo federal, o ministro do Comércio e Serviços não adiantou uma previsão de quando essas medidas poderiam ser anunciadas e que isso ainda depende do presidente da República. “Nós temos quais são os setores que exportam para os Estados Unidos, quais os que estão sujeitos à (Seção) 301, quanto isso impacta na balança comercial, isso nós temos, mas é preciso confirmar setores e, a partir disso, vamos levar para o presidente Lula o quadro e ele vai tomar a decisão”, avaliou.

Máquinas

Um dos setores mais atingidos pela nova tarifa, a indústria de máquinas e equipamentos participou das conversas com o vice-presidente e o ministro. O presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), José Velloso, disse que o segmento avalia que as novas tarifas impostas pelos Estados Unidos devem reduzir a competitividade dos produtos nacionais, mas mantém expectativas positivas para a ampliação das exportações a outros mercados.

Segundo Velloso, o encontro com o governo marcou o início das discussões entre o governo federal e o setor produtivo sobre a nova fase do tarifaço. “Foi a primeira reunião que nós tivemos com o governo, aqui na vice-Presidência, tratando do novo tarifaço. O governo nos convidou para essa conversa, mostrando bastante sensibilidade e preocupação com as nossas exportações”, afirmou.

O dirigente ressaltou que o setor já enfrentou uma situação semelhante anteriormente e que as experiências passadas servem de parâmetro para as medidas que serão discutidas com o Executivo. “Nós estamos trabalhando com o governo, apresentando propostas para melhorar a competitividade do setor de máquinas e equipamentos”, disse Velloso.

Lula volta a falar em soberania

» ARMANDO HOLANDA
» FERNANDA STRICKLAND

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva utilizou as redes sociais, ontem, para reforçar a defesa da soberania nacional, na véspera da entrada em vigor da nova tarifa de 25% imposta pelos Estados Unidos sobre produtos brasileiros. Em publicação interpretada como um recado ao presidente norte-americano, Donald Trump, Lula afirmou que “este país foi criado e construído por brasileiros. Aqui ninguém diz o que vamos fazer”.

Na legenda da foto, o chefe do Executivo reiterou a necessidade de defender a soberania nacional e declarou que “o Brasil não se entrega”. A nova sobretaxa de 25%, que entra em vigor hoje, atinge mais de 3 mil produtos que saem do Brasil para os Estados Unidos.

Segundo o vice-presidente Geraldo Alckmin, a medida alcança cerca de 18% das vendas do Brasil para os Estados Unidos, o equivalente a US\$ 7,2 bilhões em exportações.

Enquanto o diálogo com o setor privado avança, a equipe econômica trabalha em diferentes frentes. Uma delas é ampliar o acesso a linhas de financiamento e mecanismos de garantia para empresas exportadoras por meio do Plano Brasil Soberano. Outra é acelerar iniciativas de diversificação.

O governo brasileiro considera a medida norte-americana uma retaliação política e quer afastar as discussões dessa seara, mantendo as negociações com Washington no campo técnico e diplomáticas. A ideia é insistir na ampliação da lista de produtos isentos e apresentar argumentos técnicos e comerciais para contestar as medidas.

Apesar do ambiente político adverso, a avaliação no Palácio do Planalto é de que ainda existe espaço para a continuidade da interlocução entre os dois países, ainda que avanços imediatos sejam considerados difíceis.

Especialistas defendem a negociação

» ROSANA HESSEL

O discurso ponderado adotado, ontem, pelo vice-presidente da República, Geraldo Alckmin, e pelo ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Márcio Elias Rosa foi visto como positivo por consultores em comércio exterior. Para os especialistas, é preciso que o governo brasileiro continue negociando com o norte-americano para tentar reverter a medida adotada pelo Gabinete do Representante de Comércio dos Estados Unidos (USTR), com base na Seção 301, da Lei de Comércio dos EUA, de salvaguarda para retaliação

alegando concorrência desleal.

Apesar de reconhecer que o governo brasileiro pode utilizar a Lei da Reciprocidade, aprovada por unanimidade no ano passado, Alckmin descartou o uso de medidas, por enquanto. “Vamos fazê-lo, no momento oportuno, de forma adequada”, afirmou, em entrevista aos jornalistas depois da rodada de reuniões com empresários.

O ex-embaixador do Brasil em Washington e presidente do Instituto de Relações Internacionais e Comércio Exterior (Irice), Rubens Barbosa, considerou “ótimo” o posicionamento de Alckmin e reforçou que a negociação é sempre o melhor caminho.

“Se quiserem resultados em vez de narrativa eleitoral, será preciso negociar com os EUA, como fizeram todos os demais países”, afirmou.

O diplomata tem reiterado que o governo brasileiro ainda não conseguiu aprofundar as negociações com os EUA. “Por razões de política interna e agora também externa, não temos agora um canal azeitado entre Brasil e Casa Branca, nem entre o Itamaraty e a Secretaria de Comércio dos EUA. E as negociações, até agora, foram superficiais”, disse Barbosa, em entrevista ao *Es-tadão*. Ele, inclusive, tem reiterado que dar chilleque com a postura do outro “só prova a inferioridade,

a incompetência, a falta de inteligência de quem está negociando”.

Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados, reforçou a necessidade de o governo brasileiro seguir buscando um caminho por meio da negociação. “Nada que o governo brasileiro fizer vai mudar o cenário a não ser de forma pontual. Usar de reciprocidade também não vai funcionar porque vai penalizar o consumidor brasileiro em um momento de inflação elevada. Vale continuar negociando, claro, mas vale seguir pensando em alternativas de comércio para os setores que vão deixar de ter o mercado norte-americano”, avalia Vale.

Arquivo pessoal



Para Barbosa, o Brasil precisa “azeitar” o diálogo com a Casa Branca